Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

A TRAJETÓRIA DA CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e a compreensão que me deram durante alguns meses para que eu pudesse pesquisar e elaborar essa obra.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

COLABORAÇÃO:

O meu filho Erick Ricardo Camargo Cabral, universitário na área de Análise de Sistemas, colaborou com essa obra, elaborando toda arte gráfica.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

SOBRE O AUTOR:

Hélio Ricardo Moraes Cabral, economista, bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro, no ano de 1987.

Especializado em orçamentos industriais, elaboração de tabela de preço de venda, implantação de orçamentos informatizados, elaboração de métodos de expansão empresarial, planejamento orçamentário, organizações e métodos administrativos.

Participou dos cursos: Orçamentação e Apuração de Custo na Pequena e Média Indústria (Ceag – Rio); Formação de Preço de Venda (IOB-Cursos Empresariais e Instituto de Estudos Financeiros); Pesquisa de Mercado (Universidade Estácio de Sá); Mercosul-Oportunidades de Negócios (Universidade Estácio de Sá); Como Administrar sua Micro e Pequena Empresa (Sebrae) ; Iniciação a Qualidade Total (Sebrae).

Atualmente trabalha como consultor de planejamento na expansão empresarial e gestão de orçamentos.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 8

CAPÍTULO 1
A Cronologia da Crise Financeira Internacional 9

CAPÍTULO 2
A Crise na Ásia e Consequências no Mercado Mundial 14

CAPÍTULO 3
Um Dia de Pânico, Segundo Especialistas..... 18

CAPÍTULO 4
O Mercado Saiu dos Países Emergentes..... 20

CAPÍTULO 5
Analistas Mudam Conceito para os Riscos de Crise..... 23

CAPÍTULO 6
Como Acontece o Ataque Especulativo..... 26

CAPÍTULO 7
O Sistema Financeiro Asiático..... 30

CAPÍTULO 8
Comparação do Modelo Argentino com o Modelo Hong Kong..... 32

CAPÍTULO 9
A Reação dos Investidores frente a Crise Asiática..... 34

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

CAPÍTULO 10
Análise de Galbraith em Relação às Bolsas..... 36

CAPÍTULO 11
Comparação entre as Crises de 1929, 1987 e 1997..... 38

CAPÍTULO 12
O Perfil de Economias da América Latina e da Ásia..... 48

CAPÍTULO 13
A Diferença entre os Sistemas Brasileiro e Asiático..... 53

CAPÍTULO 14
A Crise Financeira Prejudica a Expansão do Países Ricos e Emergentes..... 54

CAPÍTULO 15
As Bolsas de Valores pelo Mundo..... 56

CAPÍTULO 16
O Brasil frente a Crise Financeira Internacional..... 172

CAPÍTULO 17
Na Era da Globalização,as Turbulências em todo o Planeta..... 246

CAPÍTULO 18
A Indonésia liquida Instituições Financeiras..... 251

CAPÍTULO 19
As Crises e os Blocos Econômicos..... 254

CAPÍTULO 20
O Japão frente a Crise Financeira Internacional..... 256

CAPÍTULO 21
A China frente a Crise Financeira Interancional..... 273

CAPÍTULO 22
A Crise Cambial e o Panorama Econômico pelo Mundo..... 279

CAPÍTULO 23
A Rússia frente a Crise Finanaceira Internacional..... 296

CAPÍTULO 24
A América Latina frente a Crise Finanaceira Internacional..... 315

.

CAPÍTULO 25
Hong Kong frente a Crise Financeira Internacional..... 318

CAPÍTULO 26
A Crise do Sudeste Asiático..... 323

CAPÍTULO 27
Perguntas e Respostas sobre os Aspectos Econômicos na Trajetória da Crise Financeira Internacional..... 329

CAPÍTULO 28
Glossário de Economia..... 336

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

APRESENTAÇÃO

Quando estourou a crise asiática no dia 23 de outubro de 1997 em Hong Kong, e a crise russa no dia 17 de agosto de 1998, noticiada pela mídia e pelos jornais de todo o mundo, como economista, despertou-me o interesse pelo assunto, e comecei a fazer o acompanhamento diário dos probelams econômicos e financeiros que abalou os países ricos e emergentes.

A preparação deste livro está baseada na extração dos fatos históricos mais importantes que aconteceram durante a trajetória das crises, no período entre de outubro/97 e janeiro/99.

Esta obra tem como objetivo, a importância da pesquisa em cima dos fatos ocorridos durante a trajetória das crises, registrando as influências nos "mercados de ações" no mundo globalizado, bem como as consequências diretas nos países ricos e emergentes.

É uma obra de fatos históricos nas áreas econômica e financeira, ocorridos no final do século 20, que servem como fontes de estudos, debates e conclusões entre os profissionais e estudantes da área.

No intuito de enriquecer o conteúdo do livro, faz parte desta obra, o exemplo prático de Como acontece o ataque especulativo num determinado país; a Análise em relação às Bolsas de Valores, feita pelo economista canadense naturalizado americano, John Kenneth Galbraith; a Comparação entre as crises de 1929, 1987 e 1997; as Crises e os blocos econômicos; Perguntas e respostas sobre os aspectos econômicos na trajetória da crise financeira internacional; e o Glossário de economia.

HÉLIO RICARDO MORAES CABRAL

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

CAPÍTULO 1

A CRONOLOGIA DA CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL

Julho de 1997

02/07/97 - Tailândia deixa flutuar **Bath,** que cai 20 %.

A crise começou na Tailândia quando o Governo anunciou a livre flutuação da moeda, o bath. Num só dia ela perdeu quase 20 % frente ao dólar americano, e logo se espalhou por Indonésia, Filipinas e Coréia do Sul.

O desequilíbrio nas contas externas da Tailândia abre espaço para um ataque especulativo contra o bath. Pressionado, o país libera a taxa de câmbio para a livre flutuação e o bath se desvaloriza em 20 %. Temendo um calote, muitos investidores compravam dólar desde maio/97. O país com uma dívida externa de US$ 95 bilhões, cerca de 47 % do PIB, tinha boa parte vencendo a curto prazo. Suas reservas eram de US$ 30 bilhões, mas caíam rapidamente. O déficit em conta corrente chegou a 7,5 % do PIB. A desconfiança se estendeu aos demais países do Sudeste Asiático.

O Brasil crescia a uma taxa de 4 % ao ano, o desemprego sinalizou recuo. O déficit em conta corrente bate em 4 % do PIB. O Brasil parecia estar imune a crises.

11/07/97 - Filipinas deixa **Peso** flutuar, depois de cair 6,4 % para 28,08 pesos por **Dólar**.

Agosto de 1997

02/08/97 - FMI libera fundo de emergência de US$ 17,2 bilhões para Tailândia.

11/08/97 - **Ringgit** tem a maior desvalorização (-3,5 %) em 41 meses.

12/08/97 - **Dólar** de Cingapura, cai à mais baixa cotação em três anos em relação ao **Dólar** americano.

14/08/97 - Indonésia abandona paridade de **Rúpia** e **Dólar**.

15/08/97 - O primeiro crash – refletindo a crise nos países asiáticos, a Bolsa de Nova York sofre sua maior queda desde o crash de outubro de 1987, caindo 247 pontos (-3,11 %) em um dia.

.

19/08/97 - Novo ataque especulativo provoca uma desvalorização da moeda da Coréia do Sul, o won. Antes da crise, o país tinha reservas de US$ 31,2 bilhões, mas elas começaram a cair. O déficit comercial era elevado (US$ 13,9 bilhões), assim como o déficit em conta corrente (US$ 19 bilhões).

No Brasil, em agosto/97, saíram da Bovespa US$ 423 milhões.

Setembro de 1997

26/09/97 - **Rúpia** atinge nível mais baixo: 3,125 por **Dólar**.

Outubro de 1997

O Governo de Hong Kong aumentou os juros de 7 % para 150 %.

As Bolsas da Europa e Estados Unidos têm quedas recordes.

A Coréia do Sul foi obrigada a desvalorizar sua moeda.

O Brasil dobra as taxas de juros para evitar fuga de dólares.

14/10/97 - **Dong Vietinamita** se desvaloriza em quase 5 %.

20/10/97 - Começaram as manifestações nas ruas da Tailândia pedindo a demissão do primeiro-ministro, Chavalit Yongchaiyudh.

21/10/97 - A bolsa de Hong Kong cai quase 5 %.

22/10/97 - O Governo sul-coreano intervém no conglomerado Kia, para evitar sua falência. Outros conglomerados do país enfrentam graves dificuldades.

23/10/97 - O índice Hang Seng da Bolsa de Hong Kong tem a maior queda em dez anos 10,4 %), arrastam do os de Sidnei, Cingapura, Tóquio, Londres (-3 %), Frankfurt (-4,66 %), Paris (-3,42 %) e Madri (-2,49 %).

24/10/97 - O índice Hang Seng tem alta 6,9 %.

27/10/97 - **O Brasil eleva os juros**, Taxa Básica do Banco Central (anual), sendo de 20,7 % (29/10/97) para 43,4 % (30/10/97)

.

O segundo crash – O dólar de Hong Kong sofre um ataque especulativo. Bolsas de todo o mundo caem, o que deflaga um crash. A Bolsa de Hong Kong chega a cair (-10,41 %). A de Nova York perde (-7,18 %), a maior queda em pontos de sua história, e o pregão, suspenso duas vezes. A Bovespa caiu (-14,9 %), o maior tombo desde o anúncio do Plano Collor, em 21 de março de 1990 (-22,2 %).

Novembro de 1997

10/11/97 - Queda nas reservas do Brasil de US$ 61,2 bilhões (setembro/97) para US$ 51,2 bilhões (novembro/97). O Governo brasileiro edita um pacote com 51 medidas para economizar cerca de US$ 20 bilhões em 1998 e elevar as esportações.

Dezembro de 1997

18/12/97 - Kim Dae Jung, candidato da oposição, vence as eleições na Coréia do Sul. As Bolsas de Seul e a moeda sul-coreana desabam. O Governo libera a variação do won. As reservas do país caem para US$ 6 bilhões.

Março de 1998

23/03/98 - O presidente Bóris Yeltsin muda o primeiro-ministro. O mercado fica abalado com as mudanças e muitos investidores saem do país, incentivando a fuga de capitais e a compra de dólares no mercado paralelo.

Abril de 1998

15/04/98 - O pico da alta da Bolsa de Valores. Expectativa de solução para a crise acalma os mercados e ocorre uma forte entrada de dólares na Bovespa, que atinge 12.299 pontos.

Maio de 1998

Houve falências de empresas e bancos no Japão, que enfrentou a maior do pós-guerra. O índice de desemprego atingiu seu maior nível em 45 anos.

15/05/98 - A desvalorização cambial japonesa derruba a Bolsa de Nova York. A queda, de (-2,34 %), é a segunda maior baixa de 1998 e a quinta maior da história do Dow Jones.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

Junho de 1998

A China cobra medidas para conter a crise no Japão.

Julho de 1998

A Crise se agrava e o premiê japonês Ryutano Hashimoto, renuncia em 13 de julho de 1998.

Agosto de 1998

17/08/98 - O Governo russo anuncia um pacote que inclui uma virtual desvalorização do rubro e uma moratória de 90 dias nos pagamentos externos.

A crise chegou à Rússia que pediu moratória da sua dívida e mudou o sistema de câmbio. A população correu para as casas de câmbio em busca de dólares. Os preços dos alimentos foram remarcados.

Com a queda dos preços do petróleo, além da Rússia, outros países tiveram suas economias afetadas, como a Venezuela e México que apresentaram quedas recordes nas bolsas.

O Brasil baixa imposto para evitar saída de capital estrangeiro.

31/08/98 - A Bolsa de Nova York abre o pregão com 8.052 pontos e fecha com 7.539 pontos.

O terceiro crash - A Bolsa de Nova York sofre a segunda pior queda em pontos de sua história (-512,61) pontos, refletindo o nervosismo do mercado e a crise na Rússia. No Brasil no mês de agosto/98 o dólar paralelo sobe 2,46 %, enquanto a Bolsa acumula queda de 39,55 % e R$ 1,7 bilhão deixa o país, a maior saída da história da Bovespa.

Setembro de 1998

01/09/98 - Sai US$ 1,3 bilhão do Brasil pelo mercado de câmbio.

A Malásia centraliza as operações de câmbio no Governo e restringe a saída de dólares da Bolsa local, que despenca (-13,3 %) com a notícia.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

03/09/98 - O Brasil entra no centro da crise com a divulgação do rebaixamento da nota da dívida externa e interna do país pela Moody´s. A Bovespa cai (-8,61 %), a segunda maior baixa do ano. A de Bolsa de Nova York recua 1,29 %.

A dívida da Venezuela também é rebaixada.

04/09/98 - Sai do Brasil US$ 3 bilhões, o maior volume em um só dia desde o início da crise.

09/09/98 - Para conter a saída de dólares do país, o Governo brasileiro começa a aumentar a taxa de juros, medida que já tinha sido adotado na crise de outubro/97. As reservas caem para US$ 55 bilhões depois de atingir US$ 74 bilhões em meados de agosto.

A disparada dos juros no Brasil (juros básicos anuais). Até 4/set, 19%; em 8/set, 29,75 % ; em 11/set , 49,75 %.

10/09/98 - A possibilidade de impeachment do presidente Bill Clinton derruba Bolsa de Nova York, que cai (-3,17 %) num dia.

Brasil eleva os juros de 29,75 % para 49,75% ao ano, após a Bolsa de São Paulo ter despencado 15,82 %, a maior baixa desde o Plano Collor, em 1990. Deixam o país US$ 2 bilhões num único dia. Faltam dólares nas casas de câmbio.

As Bolsas caem (-13,3 %) na Argentina e (-9,82 %) no México. O peso é desvalorizado em 7,38 % no Chile.

.

Autor: Hélio Ricardo Moraes Cabral

CAPÍTULO 2

A CRISE NA ÁSIA E CONSEQUÊNCIAS NO MERCADO MUNDIAL

Os operadores da Bolsa de Hong Kong acordaram na manhã de 23 de outubro de 1997 (quinta-feira) na expectativa de enfrentar mais uma jornada normal de trabalho, mas o que ocorreu foi um grande pesadelo em plena luz do dia. A queda de (-10 %) no Indice Hang Seng registrada no fim do pregão neste dia, foi sentida na Bolsa de Londres e atingiu as negociações em Nova York.

O Indice japonês Nikkei, que vinha sofrendo grande influência de Wall Street, seguiu a tendência e foi arrastado para baixo.

A bomba financeira que estourou em Hong Kong e atingiu todos os mercados do mundo, teve seu início muito antes, pois já em maio de 1997, as economias de Tailândia, Malásia e Felipinas alertavam com sinais de que não estavam financeiramente bem. Em julho de 1997, a moeda tailandesa, o "baht", não resistiu e sucumbiu frente ao dólar, originando uma crise local que contaminou de vez todos os mercados da região, sem afetar no primeiro instante Hong Kong, onde a bolsa era muito mais sólida e dinâmica.

Indonésia e Malásia acabaram se juntando posteriormente à Tailândia. O grupo dos reprovados recebeu ainda Cingapura e Filipinas, países emergentes com economias consideradas ainda muito novas para lidar com todo o dinheiro do mercado que possuíam em suas carteiras, e até então, Hong Kong se mantinha firme.

Mas a pressão foi aumentando e os investidores que atuavam no Sudeste Asiático, através de fundos mútuos na Bolsa de Hong Kong, alarmaram-se e preocupados com a situação econômica da região, provocaram um grande fluxo de saída de capitais para os Estados Unidos, Europa e Japão.

Neste instante, a bomba se armou e com o dinheiro do mercado deixando o território, o dólar de Hong Kong teve seu índice de paridade de 7,74 por dólar americano exposto ao risco.

O chefe executivo de Hong Kong, Tung Chee- Hwa decidiu seguir a rota de desvalorização para manter a competitividade pouco antes de a crise atingir proporções internacionais.

A tensão foi tanta que o Governo local para garantir a sua moeda a todo custo, aumentou as taxas de juros do overnight, que variavam entre 5 % e 7%, para 200 % e

.

até 300 %. O recurso utilizado, somente em casos de crise, detonou toda onda de quedas que, varreu o mundo na terceira semana de outubro de 1997. A Bolsa de Hong Kong acabou cedendo com os investidores relocando os recursos para aproveitar as altas de juros nos bancos. O Indice Hang Seng caiu pela metade em menos de uma semana, atingido a crítica marca de nove mil pontos, o mesmo patamar do início de 1996. A medida serviu para atrair capital estrangeiro e manter a paridade do dólar de Hong Kong em relação à moeda americana.

A Ásia toda tentou copiar o modelo japonês: que é uma economia fechada, totalmente voltada para a exportação. Mas o modelo exportador é muito bom quando não se tem um consumo interno sustentado.

Os países da Ásia estavam sendo competitivos, e com isso o custo de mão de obra crescia e tudo corria muito bem. O modelo japonês foi exportador para a Coréia, Tailândia, e o resto da Ásia. Mas assim como resultou em problemas para o Japão, também ocorreu o desmoronamento na Tailândia, Cingapura, Taiwan e Hong Kong.

A crise na Ásia ocorreu, porque o mercado interno se fortaleceu, o consumo cresceu e com a riqueza interna, os custos se elevaram, causando os desequilíbrios nos preços, e com isso a Ásia se tornou pouca competitiva.

Como todo mundo estava investindo lá, as reservas estavam grandes. A China, por exemplo, estava com uma reserva de U$ 120 bilhões, e Hong Kong com U$ 60 bilhões, o que dava a sensação de que tudo estava muito bem arrumado. Mas os custos sociais e a mão de obra não estavam adequados aos preços do mundo.

Por outro lado, não adianta obter o crescimento baseado num insumo barato. A China também estava crescendo muito em cima de mão de obra barata, aliás todos os países da Ásia tem um problema congênito, o de ter a economia sustentada pela mão de obra barata. Mas, se o modelo era exportador, como fazer então para voltar a baratear a mão de obra?, já que Pois não é possível reduzir os salários. A saída é o câmbio, ou seja, desvalorizar a moeda, assim os custos internos caem, e isso é feito pelo governo ou pelo mercado, sendo no caso da Ásia, foi o mercado que fez.

Havia uma fragilidade no mercado financeiro, devido à alta captação de recursos, sendo que os mesmos, não foram bem investidos. Os investidores investiram em excesso nos tigres asiáticos, mas havia um problema estrutural nas economias: o mercado interno não estava organizado. Mas a Coréia foi uma exceção, onde o governo incentivou as empresas a criarem gigantes eficientes. As empresas coreanas têm escala e mercados e, a mão de obra na Coréia já tinha subido bastante e mesmo assim, eles tinham mantido um ganho de produtividade assustador, e com isso a Coréia não teria problema, pois mantinha os custos compatíveis com os internacionais.

No caso do Brasil, que tem só um lado da moeda, que é o mercado interno, não tem um modelo exportador. O Brasil tem custo de mão de obra até mais elevado que alguns

.